

**CENTRO PAULA SOUZA
ETEC DR. EMÍLIO HERNANDEZ AGUILAR**

RONALDO RODRIGUES ALVES BRAGA

OS CONFLITOS DO ORIENTE MÉDIO

**Franco da Rocha
2011**

Prelúdio ao Oriente médio

A região que antes foi berço das primeiras civilizações existentes, durante seu processo de construção histórica foi marcado por intensos conflitos.

Como todo Estado às ações humanas foram definidas e “processadas” e formaram uma linha histórica muito distante em relação a que foi construída no mundo ocidental. Esta linhagem histórica de divergências políticas, como o caso do fim do império persa com as conquistas otomanas.

Os turcos trouxeram ordem ao oriente médio, porém seu plano de conquistas nunca proporcionava concórdia para os seus cidadãos, após a conquista oriental, os turcos almejavam o Ocidente, como o próprio poeta Luiz de Camões crítica o ocidente no canto sete dos Lusíadas, os europeus no século XV e XVI estavam enfrentando constantes lutas internas, no ponto de vista europeu como um continente, todos deviam se unir para deter as conquistas otomanas segundo Camões.

A intenção dos textos e seguimentos históricos que viriam, não é mostrar aspectos pré-conceituosos dos ocidentais, nem defender a civilização oriental, de forma filosófica e reflexiva precisamos entender o que ocorre, e no sentido lógico em que ocorre a história, ou seja, a medida da ação de um Estado-Povo que vai efetuar uma reação em outro Estado-povo; podemos identificar e por o devido sentido em tudo, e muito dos fatos que ocorreram durante cerca de um século e meio, desde a intervenção direta dos ingleses na busca do petróleo, e graças a essa intervenção, o oriente participa da conveniência histórica ocidental, sendo não algo mais irrelevante, desde a 1ª guerra mundial até a era das incertezas, dos atentados, do senso comum e a incompreensão de boa parte da população mundial.

O resultado de tudo isso são os intensos conflitos, guerrilhas e guerras.

Os conflitos se estendem do aspecto econômico, territorial, religioso e ideológico, político. Isso somado ao meio conflitante intra-oriente - médio e extra-oriente – médio. A fachada de um conflito de suposto aspecto religioso

mascarou um fator territorial e/ ou econômico é uma causa normal, como ocorre no estudo dos conflitos Árabes-Israelenses, um aspecto se soma ao outro, se interligando e motivando guerras após guerras, com justificativas parecidas que justificam todos os outros pontos, por exemplo: o golpe de 1979 da fundação da república islâmica da Irã, o qual mexeu primeiramente com o fator religioso e o sincretismo cultural xiita, até se tornar um conflito que envolvia a sociedade, as sublevações trouxeram mudanças políticas que mudaram, estabeleceram uma nova ordem, uma nova visão e logo uma nova ideologia que estava se perdendo com o regime do antigo Xá.

Ocorreu uma liga de informações e causas de conflitos no Oriente como foi dito, porém a função aqui será separá-las, e entende-las com os países adjacentes, com a beligerância deles, e contudo lembrar que para qualquer estudante, professor, enfim... é um trabalho árduo de se colocar todo o possível para se obter um bom resultado.

Esta região muito complexa do ponto de vista histórico exige um trabalho especial. Livre de preceitos equivocados, pré-conceitos, anacronismos e etnocentrismos, ou seja, qualquer fator epistemológico que desvie o entendimento do assunto. Não pode ocorrer erros de interpretações, para que não gere problemas futuros, seja em qualquer tipo de leitor.

Herança da Antiguidade

A civilização urbanizada no oriente - médio antigo girou em torno dos seus rios. Como exemplo - o Egito-, (que não fica no oriente, porém foi e ainda é uma civilização dependente do seu ciclo fluvial).

O historiador grego Heródoto dizia: “O Egito é uma dádiva do Nilo”. O rio Nilo proporcionou condições suficientes para um desenvolvimento econômico na região. O mesmo equivale para os rios Tigre e Eufrates, ao qual corresponde hoje ao Iraque, que nos aspectos físicos que compõe o relevo do Oriente Médio, corresponde a uma área de planície fluvial, de rios perenes (nunca secam), o Oriente Médio é planáltico, por isso regiões como o Iraque são raras e que na antiguidade correspondia a Mesopotâmia era extremamente disputada, esta disputa foi responsável pelos principais conflitos de sua época.

Os conflitos orientais sempre existiram só apenas nos remete aos temas do ocidente, a partir da via exploratória que ocorreu mais especificamente na expansão marítima, em que o ocidente europeu desestabilizou a política teocrática que existia com o império otomano. As conquistas militares efetuadas principalmente na Índia que apesar de não ser um país pertencente ao Oriente – Médio atual, que foi de extrema influência cultural. O Oriente-Médio virou um entreposto comercial, ao qual fica no mediano (por isso médio) entre as principais zonas de comércio oriente e ocidente, era preciso para os europeus passar por ele para alcançar, por exemplo: a China e o Japão, ao qual foi visto com pouca importância nesses contatos prévios com os ocidentais, que das grandes navegações até as primeiras explorações de petróleo inglesas do século XIX.

É trivial o fato do sucesso Ibero na Índia e junto o Oriente – Médio, porém isto acarretou mudanças significativas naquela região, aonde desde então se estabeleceram entrepostos comerciais, entre holandeses, ingleses etc., já Portugal pela sua rota ter sido descoberta pelos corsários, tinham mudado sua via de interesses para a cana de açúcar.

O importante a ressaltar é que o Oriente – Médio tinha e tem uma política beligerante, assim como os europeus e os norte-americanos também tinham e tem.

A guerra pode ocorrer de aspectos diferenciados. Sendo assim é um erro dizer que “o oriente sempre viveu em guerra”. Remete-nos a antiguidade o império persa também, que durante muito tempo tiveram um domínio esplendoroso na região após a conquista dos medos, e seu plano de expansão, que seguiu até a derrota com os gregos, nas famosas guerras médicas.

Depois do esplendor persa, outra civilização de estado eclesiástico surgiu com Maomé e o início do Jihad (guerra santa), Maomé fundou o Estado Islâmico que ganhava regiões e conquistava demasiados pontos estratégicos de comércio como a conquista de Bizâncio em 1453, depois devidamente conhecidos como turcos otomanos fora abalados no século XIX. A crise, ou seja, o conjunto de problemas que foi se somando neste estado eclesiástico, ocorreram primeiramente com o conflito dos turcos otomanos e os povos submissos que não aceitavam seu poderio, os curdos, armênios, por exemplo, eram um deles, o priori deste problema foi safavidas, antigos habitantes da Pérsia que lutavam em oposição ao império turco-otomano, um ponto relevante a se destacar foi o dos ingleses e franceses, mas principalmente os ingleses, estes saxões se apropriaram do litoral do Oriente Médio e suas companhias petrolíferas procuravam um dos maiores recursos energéticos que movia o mundo capitalista industrial – **o petróleo** -.

Os ingleses ajudaram a declinar o império por instituir taxas cada vez mais altas de impostos alfandegários dos portos, a economia otomana declinava, e os ingleses e franceses, determinavam suas zonas de influência econômica, sendo irrelevantes os aspectos culturais que se seguiam nos povos submissos ao império otomano. Não houve oposições porque os ingleses supostamente teriam trazido a concórdia para o Oriente – Médio, esta suposta ordem no estado e ausência de guerras de grande relevância social dão o desfecho desta curta e breve síntese de heranças da antiguidade até o desfecho das características que a definiam.

Imperialismo – Monopólios no Oriente Médio

O Oriente – Médio a partir do século XIX começou a ser visto diferentemente pelas potências européias, agora o neo-colonialismo, ou seja, a Inglaterra e a França iniciaram colônias exploratórias ao modo capitalista, em busca de recursos energéticos e também a introdução das indústrias de monopólios que existiam nos países europeus.

Este modo capitalista está ligado com o imperialismo, a instalação de indústrias que necessitam de trabalho manual em grandes quantidades, para que haja uma extensa produção de bens materiais.

A máscara usada pelos Franco- Ingleses foi ausentar os conflitos entre os persas safávidas e os otomanos que estavam em decadência na região, (como foi dito no capítulo anterior). O primeiro a se fazer foi dominar os portos do oriente, assim que os europeus se instalaram nesses antigos entrepostos, os otomanos para usar os portos tinham de pagar taxas aduaneiras para os europeus, o império entrou em crise, os povos que estavam sobre seu domínio se rebelaram, e os europeus agiram de forma acalentadora, oferecendo uma pseudo- paz para estes povos recém libertados do império otomano.

As companhias petrolíferas ocidentais, principalmente as inglesas, estas que exerciam grande monopólio na região encontram jazidas em pequena escala e iniciaram certa exploração. A exploração de recursos foi o que deu sentido as divisões territoriais, e não uma cultura homogênea, as zonas de influência econômica de cada país começaram a se separar umas das outras, sub – dividindo – se, conforme sua condição neocolonial e econômica. A França e a Inglaterra definiram suas zonas de influência, lembrando que o Oriente - Médio territorialmente era sem fronteiras, pois ainda permanecia a forma turca – otomana, na região.

O oriente foi retalhado aos poucos pelos europeus monopolistas, a ideia de nação árabe aos poucos também se tornava utopia, a ilusão dos árabes era reconfortante e segura, pois eles haviam acabado com o antigo império turco – otomano opressor, porém a situação deles estava para piorar.

Depois dessa breve retomada, veremos a justificativa européia para o neo colonialismo na África e na Ásia, diferente do colonialismo em que a contra-reforma católica pregava a catequização dos índios, e a superioridade da religião católica perante as outras religiões pagãs, o neocolonialismo do século XIX e XX, tinha um fator ideológico de superioridade racial, no caso a eugenia, a função da intervenção européia é civilizar estes povos bárbaros.

É importante entender estes dois conceitos, pois são fundamentais para que se forme a justificativa européia. No seguimento Hobbesiano, é um meio justo, talvez não correto, mas a justificativa é a designação do cumprimento de pacto. Assim os direitos são benévolos a todos os que dele participam e ser justo é o cumprimento desses pactos. Se o pacto era colonizar e civilizar estes povos se apropriando e explorando suas riquezas do modo monopolista pós-segunda revolução industrial, a justificativa foi válida para esses países imperialistas.

Tenha como conceito pacto uma concessão mútua de direitos. Já a justificativa prioritária foi à pseudociência, que foi o principal motivo para que o pensamento ocidental etnocêntrico, de forma simplória e pouco aprofundada estende-se suas formas de atuação, ou melhor autorização.

Sionismo

No século XIX, também surgia um movimento de integração territorial denominado sionismo, que vem de “Monte Sion”, um dobramento que fica em Israel.

Theodor Herzl idealizou o sionismo por conta do caso de Dreyfus que moveu a opinião pública, pelo anti-semitismo da direita francesa, de outros países europeus que cada vez pressionavam mais os judeus que viviam na Europa. Herzl utopicamente propôs a criação de um lar nacional judeu, na antiga Palestina, porém a ideia foi rejeitada inclusive pelos judeus. O sionismo ficou apagado, o nível de imigrações na Palestina eram mínimos, a maioria dos judeus não aceitava esta ideia uma sandice.

No início da Segunda Guerra Mundial o sionismo foi retomado como última alternativa para os semitas fugitivos da guerra, financiado pelos ingleses, que necessitavam de devido apoio na região para continuar seu império territorial e sua exploração petrolífera.

O anti-semitismo crescia cada vez mais na Europa, com o surgimento das ideias nazistas, os judeus se desesperaram, todos queriam fugir da morte do sofrimento que existia, a Europa era um grande inferno para os semitas. As emigrações européias dos semitas se intensificaram muito, a ocupação havia sido liberada com a Declaração de Balfour (1917), em que os judeus ganharam apoio para a ocupação da Palestina, as ondas migratórias cresciam na medida em que ocorria a repressão nazista.

Ideias Antagônicas

Com o retalhamento do Oriente – Médio devido à intervenção dos europeus, e após o período da pseudo – paz em que os árabes viviam as tentativas para uma união árabe não passavam de idéias.

O arabismo pregava a união de todos os países árabes, e o contra ponto disto era a irmandade muçulmana que era uma seita de sunitas que queriam uma união feita pela forma islâmica e não árabe.

A irmandade muçulmana agiu de forma extremista, para se entrar na seita era preciso fazer um atentado terrorista, como ocorreu em muitas insurgências de libertação na África, o arabismo se transformou em pan - arabismo e enquanto as duas idéias se colidiam o povo se mantinha nas mesmas condições, a qual os europeus os deixaram.

Os libaneses ainda levantavam a bandeira de ser descendente dos antigos fenícios, o Egito com seu nacionalismo faraônico, tinha uma mentalidade não muito diferente da de 4000 anos atrás. Os iraquianos, os jordanianos, os sírios, os afegãos, os iranianos... todos remetiam as suas origens para fundir o passado com o presente e criar qualquer tipo de nacionalismo, enquanto o pan – arabismo buscava uma união, os países árabes agiam pelo contrário da corrente.

Os xiitas e sunitas formavam outro tipo de antagonismo, os xiitas iranianos eram contrários a intensa modernização que estava acontecendo com os países sunitas, como por exemplo, o Egito. Os sunitas estavam mais adeptos ao capitalismo. Os xiitas eram indiferentes tanto ao pró capitalismo quanto para o comunismo. Os EUA para os sunitas eram os “grande satã” e a URSS “ os Ateus demoníacos”.

O antagonismo de Judeus e Islâmicos será melhor relatado no próximo texto.

Uma terra para dois Povos

Os judeus irremediavelmente fugindo do anti-semitismo nazista, esta situação promoveu ondas migratórias de massas de judeus, divergentes a cultura árabe, disputavam da mesma terra. A busca por um pedaço de território, aonde se possa criar sua política.

Nunca em toda a história um ideal utópico como o sionismo funcionou, e ainda por cima o sucesso efetivo das forças judias, foi amplamente concretizado durante cada guerra. A Palestina é uma terra habitada por um povo de XII séculos cultura, que ali criou sua vida.

Então um povo sem terra resolve ocupar uma terra já ocupada? Ambos os lados divergem.

A Palestina foi ocupada pelos judeus no modelo agrícola – militar socialista denominado Kibutzin. Os kibutzin foram ganhando espaço através das guerras de guerrilhas entre árabes e judeus. Os árabes sendo pressionados foram se alojando nos “cantos” da futura Israel.

A recém criada ONU dividiu o país e tornou o alvo de interesse cultural e religioso, no caso Jerusalém. Como patrimônios mundial devido ao Muro das Lamentações que é de interesse dos cristãos, muçulmanos, e judeus.

Os palestinos árabes esperaram apoio da união árabe liderada pelo Egito de Nasser, não obstante sua política tinha interesse na base energética que se situava no Canal de Suez, a prova de sua política foi à nacionalização dos mesmos.

Os árabes palestinos foram emigrando da antiga Palestina e nova Israel desde 1948. A faixa de Gaza e a Transjordânia foram os primeiros a serem ocupados, porém o inquietante perigo da região fez com que a maioria dos árabes buscasse o devido abrigo nos países da União Árabe.

Tais países não estavam com interesses apontados para as imigrações, e as ações governamentais foram mínimas sem exceção de nenhum país, os

palestinos eram indigentes, sem moradia, sem cidadania ou qualquer tipo de direito civil.

A condição dos palestinos nestes países fugia da associação do conceito de homem, ficou a trabalho da ONU o cuidado destes povos, começaram a surgir campos de refugiados, fora de Israel.

Indiferença de Nasser

Nasser introduziu a política nacionalista no Egito, antes o povo alimentava um nacionalismo histórico faraônico, de fato um mito, porém este homem de mãos de ferro, a nacionalização do Canal de Suez foi uma de suas conquistas, porém o canal ainda era privatizado pelos EUA, seus interesses com Israel não era de influência ideológica do arabismo político, Nasser via Israel como empecilho dos seus interesses, não só o Egito de Nasser como os outros países da Liga Árabe também, um exemplo disso é a Síria a qual tinha como intenção anexar Israel e o Líbano ao seu território e criar a “grande Síria”, Os Husseins jordanianos também não aceitaram nem um pouco a independência de Israel. A Liga Árabe serviu de fachada para um turbilhão de interesses ligados aos países árabes.

Economia Externa e Política Beligerante

Israel gerou economia a partir das indústrias monopolizadoras ianques que se estabeleceram lá, os EUA financiava a guerra para qualquer um que fosse adepto ao sistema econômico capitalista, mas isso não ocorria diretamente, e sim com as empresas que se estabeleciam lá e forneciam impostos que eram desviados em material bélico, até os dias de hoje.

Israel com um material bélico mais desenvolvido, soldados judeus de diferentes origens e com o sentimento de dever para com a defesa da vida dos israelenses vindos de todos os lugares do mundo, também o apoio da opinião mundial, que até então via como a tomada do que era deles. É incomensurável o número de conflitos de guerrilhas até guerras travadas entre Israelenses X Palestinos e Israelenses X Liga Árabe, vale ressaltar que Israel teve vitória sobre todos os conflitos.

Sublevações de Oposição

A oposição quanto à ocupação Judéia não demorou, onde hoje se encontra o Kuwait, um líder político de linhas contraditórias (não se sabe se ele é um grande terrorista ou um libertador), criou a Al Fatah, que significa “A Vitória”, a Al Fatah foi responsável de grande parte das ações de interesses da criação da OLP (Organização de Libertação da Palestina), organização de ordem política reconhecida pelas forças e potências, como a ONU, ao qual foi principal movimento organizado de terroristas ou militantes que sublevou contra a ocupação dos judeus na antiga Palestina. A OLP se estalava em campos de refugiados, conquistavam soldados, em geral adolescentes para a ascendência militar da OLP, e assim o sistema militar de bases foi fundado em vários pontos da fronteira de Israel e a união árabe liderada por Nasser.

A revoltas e ataques terroristas ocorreram em forma de guerrilhas armadas e sustentadas por países de oposição indireta aos EUA, ou propriamente dos fundos econômicos internos da OLP, que se desenvolvia e ganhava apoio cada vez maior.

Os mais leigos relacionam os ataques terroristas da OLP vinculados junto com os efetuados pela Irmandade Muçulmana, feita de muçulmanos sunitas, e de outras vertentes fundamentalistas como os Wahabitas (Guerra Santa ao domínio europeu desde 1780). O que se pode dizer é que não há provas suficientes para tal afirmação.

Os militantes da OLP tinham como foco retomar as suas propriedades, direito de contrato, ao qual nunca foi desfeito dentro da mentalidade dos palestinos, ou seja, Israel existia como país reconhecido mundialmente, porém a aceitação dos palestinos e da União Árabe foi mínima. Já os militantes da Irmandade Islâmica que de início foi um método do meio religioso para uma “possível unificação do Oriente Médio”, tem aspectos diferentes, simploriamente o ato de terrorismo da Irmandade Islâmica agiram em diversos pontos do globo.

Na África neo-colonizada, a Irmandade Islâmica serviu de tendência ideológica e pragmática das ações dos militantes de libertação de alguns países africanos, outros tiveram sua independência concedida como foi feito com a Costa do Marfim, o temor destes agentes terroristas radicais estabelecerem uma revolução e uma nova ordem, foi o fundamento da concessão de direitos políticos, sociais, de cidadania dos povos; ao qual sofreram intensa atrofia até os dias de hoje, a concessão de independência também não alterou em demasia a economia da França.

A Irmandade Islâmica também agiu na França, onde até hoje encontra um problema social de populações islâmicas e francesas.

Retomando, um fato muito contraditório da aceitação da União Árabe quanto as bases da OLP em seu países, o fato mais conhecido foi o “Setembro Negro”. No setembro negro de 1970, a Jordânia governada por Hussein expulsou de forma beligerante e violenta as forças palestinas de seus territórios, os jordanianos não queriam ficar no olho do furacão como estavam os libaneses. Foram 200 tanques para massacrar os palestinos, o “negro” que hoje faz parte da nomenclatura do fato indica a associação de escuridão ou negritude com a própria morte, que alguns indicam que foi um fato genocídio. Como ocorreu com a luta fratricida que ocorreu no Muro das Lamentações (Jerusalém) ao qual morreram judeus que não tinham ligações com os acontecimentos, uma injustiça que gerava ódio na população.

Irã e Iraque

O Irã de origem pérsica, com 95% da sua população islâmica Xiita, ficou conhecido e temido quando ocorreu a revolução e o golpe de estado de 1979, e a guerra de Iraque x Irã das fronteiras do Golfo Pérsico.

O Irã tem um regime político teocrático monárquico, o monarca que é de origem familiar de Maomé, tem funções políticas e religiosas dentro do estado xiita. Na concepção xiita, o ambiente exterior não pode interferir na cultura de seu povo, o conservadorismo é característico deles. Os aiatolás são sacerdotes que ministram poder político também, porém não apresenta funções políticas tais como a do Xá.

Os conflitos civis do Irã surgiram com o governo do Xá Mohammad Reza Pahlevi, tal Xá apresentava uma política pró – ocidental, ou seja, o Xá estava tendo estreitas relações com a política liberal estadunidense. O Xá iniciou um plano de modernização no Irã, o Irã estava sendo capitalizado, em nenhum momento o Xá identificou qual era a opinião pública, ao qual não estava nada satisfeita com aquele tipo de política “satânica”.

Capitalizar o país modificaria a cultura dos xiitas, e ainda um fator que definia a priori as causas, que era a moral xiita, a moral xiita não permitia estes tipos de mudanças, o povo queria se fechar ao exterior pecador, ao qual a negação de qualquer tipo de ideologia e sistemas econômicos, o comunismo era símbolo de ateísmo e por isso jamais poderia entrar no país, o capitalismo liberal estadunidense era satânico. Entender o grau de importância que era parte da mentalidade xiita naquele momento foi fundamental para entender o que iria por vir.

A insatisfação publicitária foi repelida por meio da repressão, o estado de guerra civil no Irã era iminente, os xiitas partidários de esquerda foram perseguidos e torturados por instigarem a revolução, mortes de cidadãos em protestos e movimentos deixavam a opinião pública cada vez mais aversa ao regime do Xá. O regime de guerra civil foi o último estado de um descontentamento de décadas do poderio deste governante, que não

respeitava os princípios do Alcorão, praticou *sharia* (sexo depois do casamento).

Os líderes de esquerda seguiam um opositor do regime do Xá ao qual acusava-o de tirânico. O aiatolá Khomeini foi o este líder, foi ganhando apoio popular, até que o Xá foi obrigado a sair do país em 1979. O governo foi liderado por Khomeini, ao qual fundou uma república islâmica. A partir de sua entrada no poder houve um plano político de desintoxicação do Irã, foram proibidos as práticas culturais vindas do estados unidos - vestuário ocidental, minissaia, maquiagem, música ocidental, jogo, cinema etc.-

Linha do Tempo

1947 – A ONU aprova a partilha da Palestina em dois Estados – um judeu e outro árabe. Essa resolução é rejeitada pela Liga dos Estados Árabes.

1948 – Os Judeus proclamam o Estado de Israel, provocando a reação dos países árabes. Primeira Guerra Árabe-Israelense. Vitória de Israel sobre o Egito, Jordânia, Iraque, Síria e Líbano e ampliação do território israelense em relação ao que fora estipulado pela ONU. Centenas de milhares de palestinos são expulsos para os países vizinhos. Como territórios palestinos restaram a Faixa de Gaza e a Cisjordânia, ocupadas respectivamente por tropas egípcias e jordanianas.

1956 – Guerra entre Israel e o Egito. Embora vitoriosos militarmente, os israelenses retiraram-se da Faixa de Gaza e da parte da Península do Sinai que haviam ocupado.

1964 – Criação da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), cuja pretensão inicial era destruir Israel e criar um Estado Árabe Palestino. Utilizando táticas terroristas e sofrendo pesadas retaliações israelenses, a OLP não alcançou seu objetivo e, com o decorrer do tempo, passou a admitir implicitamente a existência de Israel.

1967 – Guerra dos Seis Dias. Atacando fulminantemente em três frentes, os israelenses ocupam a Faixa de Gaza e a Cisjordânia (territórios habitados pelos palestinos) e tomam a Península do Sinai ao Egito, bem como as Colinas de Golan à Síria.

1970 – “Setembro Negro”. Desejando pôr fim às retaliações israelenses contra a Jordânia, de onde provinha a quase totalidade das incursões palestinas contra Israel, o rei Hussein ordena que suas tropas ataquem os refugiados palestinos. Centenas deles são massacrados e a maioria dos sobreviventes se transfere para o Líbano.

1973 – Guerra do Yom Kippur (“Dia do Perdão”). Aproveitando o feriado religioso judaico, Egito e Síria atacam Israel; são porém derrotados e os israelenses conservam em seu poder os territórios ocupados em 1967. Para pressionar os países ocidentais, no sentido de diminuir seu apoio a Israel, a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) provoca uma forte elevação nos preços do petróleo.

1977 – Pela primeira vez, desde a fundação de Israel, uma coalizão conservadora (o Bloco Likud) obtém maioria parlamentar. O novo primeiro-ministro, Menachem Begin, inicia o assentamento de colonos judeus nos territórios ocupados em 1967.



1979 – Acordo de Camp David. O Egito é o primeiro país árabe a reconhecer o Estado de Israel. Este, em contrapartida, devolve a Península do Sinai ao Egito (cláusula cumprida somente em 1982). Em 1981, militares egípcios contrários à paz com Israel assassinam o presidente Anwar Sadat.

1982 – Israel invade o Líbano (então em plena guerra civil entre cristãos e muçulmanos) e consegue expulsar a OLP do território libanês. Os israelenses chegam a ocupar Beirute, capital do Líbano. Ocorrem massacres de refugiados palestinos pelas milícias cristãs libanesas, com a conivência dos israelenses.

1985 – As tropas israelenses recuam para o sul do Líbano, onde mantêm uma “zona de segurança” com pouco mais de 10 km de largura. Para combater a ocupação israelense, forma-se o Hezbollah (“Partido de Deus”), organização xiita libanesa apoiada pelo governo islâmico fundamentalista do Irã.

1987 – Começa em Gaza (e se estende à Cisjordânia) a Intifada (“Revolta Popular”) dos palestinos contra a ocupação israelense. Basicamente, a Intifada consiste em manifestações diárias da população civil, que arremessa pedras contra os soldados israelenses. Estes frequentemente revidam a bala, provocando mortes e prejudicando a imagem de Israel junto à opinião internacional. Resoluções da ONU a favor dos palestinos são sistematicamente ignoradas pelo governo israelense ou vetadas pelos Estados Unidos. A Intifada termina em 1992.

1993 – Com a mediação do presidente norte-americano Bill Clinton, Yasser Arafat, líder da OLP, e Yitzhak Rabin, primeiro-ministro de Israel, firmam em Washington um acordo prevendo a criação de uma Autoridade Nacional Palestina, com autonomia administrativa e policial em alguns pontos do território palestino. Prevê-se também a progressiva retirada das forças israelenses de Gaza e da Cisjordânia. Em troca, a OLP reconhece o direito de Israel à existência e renuncia formalmente ao terrorismo. Mas duas organizações extremistas palestinas (Hamas e Jihad Islâmica) opõem-se aos termos do acordo, assim como os judeus ultranacionalistas.

1994 – Arafat retorna à Palestina, depois de 27 anos de exílio, como chefe da Autoridade Nacional Palestina (eleições realizadas em 1996 o confirmam como presidente) e se instala em Jericó. Sua jurisdição abrange algumas localidades da Cisjordânia e a Faixa de Gaza – embora nesta última 4 000 colonos judeus permaneçam sob administração e proteção militar israelenses. O mesmo

ocorre com os assentamentos na Cisjordânia. Na cidade de Hebron (120 000 habitantes palestinos), por exemplo, 600 colonos vivem com o apoio de tropas de Israel. Nesse mesmo ano, a Jordânia é o segundo país árabe a assinar um tratado de paz com os israelenses.

1995 – Acordo entre Israel e a OLP para conceder autonomia (mas não soberania) a toda a Palestina, em prazo ainda indeterminado. Em 4 de novembro, Rabin é assassinado por um extremista judeu.

1996 – É eleito primeiro-ministro Binyamin Netanyahu, do Partido Likud (antes denominado Bloco Liked), que paralisa a retirada das tropas de ocupação dos territórios palestinos e intensifica os assentamentos de colonos judeus em Gaza, na Cisjordânia e em Jerusalém Oriental, em meio à população predominantemente árabe. O processo de pacificação da região entra em compasso de espera, ao mesmo tempo em que recrudescem os atentados terroristas palestinos. Em Israel, o primeiro-ministro (chefe do governo) é eleito pelo voto direto dos cidadãos.

1999 – Ehud Barak, do Partido Trabalhista (ao qual também pertencia Yitzhak Rabin), é eleito primeiro-ministro e retoma as negociações com Arafat, mas sem que se produzam resultados práticos.

2000 – Israel retira-se da “zona de segurança” no sul do Líbano. Enfraquecido politicamente, devido à falta de progresso no caminho da paz, e também devido às ações terroristas palestinas (não obstante as represálias israelenses), Barak renuncia ao cargo de primeiro-ministro. São convocadas novas eleições, nas quais ele se reapresenta como candidato. Mas o vencedor é o general da reserva Ariel Sharon, do Partido Likud, implacável inimigo dos palestinos. Pouco antes das eleições, começa nos territórios ocupados uma nova Intifada.

2001 – Agrava-se o ciclo de violência: manifestações contra a ocupação israelense, atentados suicidas palestinos e graves retaliações israelenses. Nesse contexto, Yasser Arafat, já septuagenário, parece incapaz de manter a autoridade sobre seus compatriotas ou de restabelecer algum tipo de diálogo com Israel, cujo governo por sua vez mantém uma inflexível posição de força.

Fonte

http://www.curso-objetivo.br/vestibular/roteiro_estudos/questao_palestina.aspx